

ZAIDA SANCHES E O CONTO INFANTIL EM CABO VERDE¹

Norma Lima

Resumo: O artigo analisa uma coleção de quatro livros de literatura infantil publicados pela escritora Zaida Sanches, que desenvolvem tanto temáticas tradicionais da cultura cabo-verdiana, quanto novos temas ou suas releituras. São estabelecidas relações entre a oralidade e o conto, forma preferencial para a literatura infantil escrita, a partir da perspectiva teórica de João Lopes Filho, Marilene Pereira, Mário Lúcio Sousa e outros. Conclui-se que as histórias destinadas ao público infantil, em Cabo Verde, foram pioneiras nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, inclusive na abordagem do que hoje se define, na produção para crianças, como conteúdos fraturantes, ainda que atualmente haja escassez de produções para a infância e para jovens, no arquipélago.

Palavras-chave: Literatura cabo-verdiana. Literatura Infantil. Zaida Sanches. Conto. Literaturas africanas de língua portuguesa.

Abstract: The article analyzes a collection of four children's literature books published by the writer Zaida Sanches, which develops both traditional themes of Cape Verdean culture, as well as new themes or their reinterpretations. Relationships are established between orality and the short story, the preferred form for written children's literature, from the theoretical perspective of João Lopes Filho, Marilene Pereira, Mário Lúcio Sousa and others. It is concluded that the stories aimed at children, in Cape Verde, were pioneers in African Literatures of Portuguese Language, including the approach of what is now defined, in production for children, as fracturing content, even though there is currently a shortage of productions for children. children and young people in the archipelago.

Keywords: Cape Verdean Literature. Children's literature. Zaida Sanches. Tale. Portuguese-speaking African Literatures.

Zaida Sanches, nascida na Cidade da Praia (Ilha de São Tiago, Cabo Verde), se destaca por publicar livros destinados

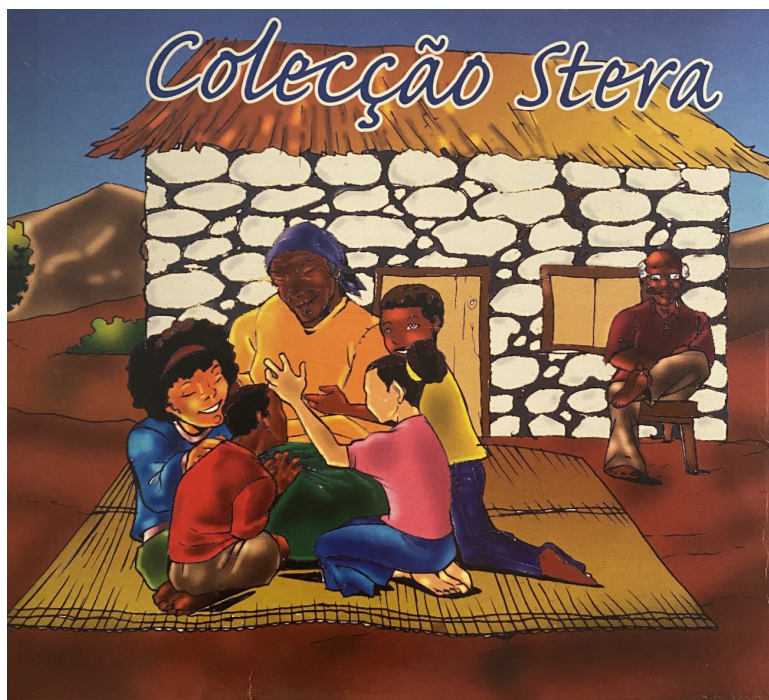
1 Título em língua estrangeira: "Zaida Sanches and the children's tale in Cape Verde".

especialmente ao público infantil. A autora não se priva de abordar temas de impacto em duas coleções: na *Stera*, de 2009, contendo os livros: *A greve dos animais*, *A sopa da beleza*, *O reino das rochas* e *A princesa do mês de agosto*; e na Coletânea Direitos Humanos, Ambiente e Diversidade, de 2019, com as obras: *O planeta mágico*, *O planeta Azul*, *Sou diferente* (ambas inéditas no Brasil). Marilene Pereira, em “Literatura infanto-juvenil no pós-independência” (2015) chamou a atenção para o fato de os contos tradicionais serem tema recorrente da matéria produzida para o público infantil, entretanto, Zaida inova essa perspectiva, ao sintonizar as estórias à contemporaneidade ou na atualização de tramas clássicas.

Ainda que a primeira coleção contenha contos que abordem aspectos da cultura cabo-verdiana voltados às tradições das ilhas, com temáticas como a da clássica estória do boi explorado no trapiche a fim de fabricar o grogue, a qual foi retratada no primeiro livro de Literatura Infantil lançado em Cabo Verde (*A história de Blimundo*, 1982), as estórias de Zaida pretendem chamar a atenção das crianças para esses valores da tradição isleña, porém com novas miradas. O reencontro com a oralidade, quando os mais velhos são os fiéis depositários da memória oral, surge já na ilustração da

coleção, retratando a mulher mais velha que se reúne com crianças em círculo na “stera” (esteira), “um tapete, onde as pessoas se sentavam e refletiam sobre as coisas da vida, havendo troca de conhecimentos entre os novos e os mais velhos” (SANCHES, 2010).

Figura 1 – Coleção Stera



As narrativas mais recentes de 2019 afinam-se com a Declaração Universal dos Direitos do Homem inspiradas em vários instrumentos internacionais, como na *Carta Universal dos Direitos Humanos*, na *Declaração Universal*

dos Direitos da Água, nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da agenda das Nações Unidas, e na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. Elas refletem problemas relacionados com as desigualdades sociais, com o tratamento discriminatório, com a poluição, a desertificação e o desmatamento, entre outros. A coleção foi reconhecida pela Comissão Internacional dos Direitos Humanos, em Cabo Verde, por seu conteúdo pertinente aos direitos humanos. A autora observou, em entrevista à Radiotelevisão Cabo-verdiana-RTC (2022), que as três obras da coleção abordam as três gerações dos direitos humanos, desde os fundamentais (à educação, à saúde e à alimentação), os culturais-econômicos, aos do meio ambiente e direitos coletivos. A matéria informou que trinta crianças ganharam a coleção e, com a premiação da obra, estava previsto o lançamento dos livros nas versões inglesa e francesa.

O fato de o conto ser o gênero preferido para a escrita da Literatura Infantil no arquipélago não é à toa, pois a sua gênese é desconhecida, segundo Massaud Moisés (1999), remontando aos primórdios da própria arte literária. Considerado como um paralelo dos relatos orais presentes na bíblia, no antigo Egito ou na antiguidade clássica (*Odisséia, Eneida*, entre outros) assume no século XIX definitivamente

categoria literária escrita, embora considerado como uma espécie de matriz da novela e do romance, apresentando estrutura própria que contém uma só ação: “Tudo sucede como se, na existência das personagens, apenas aquele incidente é que alcançasse densidade [...] o diálogo predomina na trama do conto” (p. 101). Essa evidente relação estreita desse gênero com a oralidade, em Cabo Verde, remonta à estórias dos repertórios africano e luso.

No entrelace entre conto e mito Bernadette Bricout, em *Dicionário de mitos literários*, identificou uma correlação entre esses dois termos, quando o conto “é inseparável de um corpo e de uma voz, da entonação e do ritmo, da mímica e do olhar, do gesto que prolonga a palavra e às vezes a antecipa” (2000, p. 191) e o mito manifesta-se enquanto caráter oral e encantatório, porque não bastaria apenas conhecê-lo, mas saber recitá-lo e até mesmo recriá-lo.

Como o mito, o conto é originado da memória coletiva e contado por um grande locutor anônimo de contornos indecisos. Como o mito, inscreve-se na tradição. É nela que o contista extrai os motivos da narrativa, ou pelo menos a trama que os organiza, conferindo-lhes um sentido, uma direção. [...] O narrador não é prisioneiro do modelo fixado pela tradição oral; ele apodera-se dele. Da mesma forma que o músico, embora fiel a uma partitura, pode chegar com sua interpretação a um instante

ímpar, o narrador é uma caixa de ressonância atravessada por uma palavra anônima, vinda de algum lugar longínquo, sepultada em nossa memória, já conhecida, mas que aflora no instante da narração como uma palavra nova. (BRICOUT, 2000, p. 191-192)

Para Arnaldo Rodrigues, em *O papel dos contos tradicionais na identidade do homem cabo-verdiano* (2014), etimologicamente o termo conto remete a computar, significando um relato de episódios ou fatos que caminham para um desfecho. Tanto no Brasil, quanto em Cabo Verde, pode-se pensar no conto popular como o que tem origem na população rural, mas também no embalar das histórias contadas pelas mães a seus filhos e na necessidade humana da transmissão de valores. Devido aos contos populares serem desprovidos de autores, ao serem recontados acabam por recriar e agregar outras versões, que existem em maior número no arquipélago, não só por sua constituição identitária formada por segmentos étnicos variados, mas por essa formação ter marcado de modo diferenciado as nove ilhas habitadas, além do fato dele se abrir a diálogos e a transformar em valor novo o que lhe chega pelos fluxos de passagem.

Assim, é comum nas tradições orais cabo-verdianas serem encontrados traços de culturas exógenas, como a do Senegal,

e endógenas transformadas, como a de Guiné Bissau, síntese de lenta elaboração. Os contos orais introduzidos

foram recriados de acordo com o contexto sociocultural de cada ilha e, também, de cada contador, oscilando entre a fidelidade e a liberdade criativa [...] como um meio de socialização, dando identidade e significação às respectivas sociedades e culturas, oferecendo um manancial de informações que ajudam a delinear, não só algum dos limites do imaginário colectivo cabo-verdiano, mas também comunicando as suas vivências, sentimentos e símbolos, transmitindo-os verbalmente através das gerações, sistema que, actualmente documentam e enformam o sentir de um povo e sua época. (RODRIGUES, 2014. p. 50-51)

A trajetória da Literatura Infantil escrita, em Cabo Verde, tem como marco a Revista *Claridade*, que a partir de 1936 sistematizou as pesquisas culturais, antropológicas, literárias e históricas sobre o arquipélago. Nessa publicação pioneira, Baltasar Lopes com “Infância” inaugurou a narrativa voltada para o público infantil, no também primeiro romance cabo-verdiano (*Chiquinho*), em forma de pequena narrativa cuja personagem principal é uma criança. Nesse conto fundador são citados dois outros personagens que apreciam contar histórias, Nha Rosa Calita e Nhô Quirino, representantes da palavra falada na tradição africana, como Nei Lopes e Luiz

Antonio Simas desenvolveram em *Filosofias africanas* (2020). Para esses autores, a oralidade não está limitada aos contos e às lendas, nem aos relatos míticos e históricos, por ser “ao mesmo tempo, religião, conhecimento, ciência natural, aprendizado de ofício, história, divertimento e recreação. Baseada na prática e na experiência, ela se relaciona à totalidade do ser humano e, assim, contribui para criar um tipo especial de pessoa [...]” (p. 41).

Na perspectiva, ainda, da literatura para crianças feita em Cabo Verde, a formação da criança também se relaciona à puericultura no sentido etimológico do termo “cultura”, vindo do verbo latino *colere* com uma gama de significados apreendidos por Marilena Chauí em *Conformismo e resistência* (1986):

Cultura era o cultivo e o cuidado com as plantas, os animais e tudo que se relacionava com a terra; donde, agricultura. Por extensão, era usada para referir-se ao cuidado com as crianças e sua educação, para o desenvolvimento de suas qualidades e faculdades naturais; donde, puericultura. O vocábulo estendia-se, ainda, ao cuidado com os deuses; donde, culto. A Cultura, escreve Hanna Arendt, era o cuidado com a terra para torná-la habitável e agradável aos homens, era também o cuidado com os deuses, os ancestrais e seu monumento, ligando-se à memória e, por ser o cuidado com a educação, referia-se ao cultivo do

espírito. Em latim, *cultura animi* era o espírito cultivado para a verdade e a beleza, inseparáveis da Natureza e do Sagrado. (CHAUI, 1986, p. 11)

As histórias contadas na esteira mágica de Zaida, assim, vão além da intenção “pedagógica” de instruir ou de formar valores cívicos – íntimas da cultura isleña e da transmissão – visam preservar valores ancestrais, e a transposição das narrativas orais para a escrita, nas quais circularão no formato da Literatura escrita, é a tentativa de fortalecimento das bases históricas e sociais da cultura cabo-verdiana. Os temas tratados não se intimidam, são denunciadores tanto da opressão sofrida pelos segmentos pobres da população, como devoram os contos de fadas e outras narrativas tradicionais para ambientá-los no solo crioulo. O diálogo transformador ocorre em *Princesa do mês de agosto* e em *A sopa da beleza*, com adaptações de cenários e de personagens para a perspectiva do arquipélago; em *A Greve dos Animais*, há uma paródia e ocorre diálogo crítico com a história oficial sobre a descoberta de Cabo Verde, em *O Reino das Rochas*.

A história da literatura infantil, com gênese no conto e na oralidade, estabelece ligações com a prosa espontânea, guardadas pela memória. Gabriel Moacyr Rodrigues, em “Cavalim de perna quebród ou o mito da terra-longe: da

oralidade à literatura” (2015), identifica como um dos mitos mais divulgados da cultura cabo-verdiana o da Terra Longe, revelado através das cantigas de embalar: “ela não é apenas uma cantiga de uma história do nosso destino. Ela é parte do mito fatídico da partida, que nos acompanhou e nos acompanha, ao longo dos séculos, desde tempos imemoriais da escravatura até ao momento da partida [...]” (p.120). No contraponto Terra Longe/Mamãe-Terra, a segunda surge como o dilema antigo islenho do “ter de partir/querer ficar”, presente na primeira estória oral quando a perna quebrada do cavaleiro não é empecilho para o “cumprimento do ritual de iniciação ao estranho, à cultura do Outro” (p. 123). Os temas considerados hoje como fraturantes na literatura para as infâncias já circulavam em Cabo Verde, pois a Terra Longe, para além de ser metáfora do desconhecido, pode ser também a da morte:

Cumpria-se um destino que começara, noutras épocas distantes, com as viagens, nos primeiros séculos da escravatura e dos descobrimentos. Nessas viagens, os homens eram arrancados das suas terras para tomarem parte numa aventura sem igual, ‘nessa viagem de ida’ para o desconhecido. Muitos avessos aos riscos e perigos, denunciavam essas odisséias. (RODRIGUES, 2015, p. 130)

Ainda que tenham sido publicadas inicialmente por homens – depois de Baltasar Lopes, Teixeira de Sousa lançaria *O dragão e eu* (1945), cuja personagem principal, também um menino, precisou deixar os estudos para trabalhar, Manuel Bonaparte Figueira recolheria *Narrativas e Contos Cabo-verdianos* (1968) em livro do contexto colonial e após a Independência, o Ministério da Educação lançaria no formato de revista infantil o conto tradicional *Chibinho* (1979), – as estórias de contar sempre fluíram naturalmente das bocas femininas. Por isso, a grande presença de escritoras a lançá-las em livros no pós-independência, a partir da ideia de serem as mães ou as professoras que se inspirariam a fazê-lo a partir da experiência de narrá-las aos próprios filhos e filhas, ou a alunos e a alunas: “Em Cabo Verde, aliás, quem tradicional e geralmente, contava ou conta histórias, eram ou são as mulheres” (RODRIGUES, 2014, p. 61).

Apesar de terem sido as vozes femininas as que tradicionalmente desfiavam estórias, demorou muito para que as escrevessem e as publicassem. Somente a partir da década de 1980 Orlanda Amarílis publicou *Folha a folha*, com Maria Alberta Menéres (1987) e *Facécias e Peripécias* (1990), quebrando a tradição masculina de quase cinco

décadas. Para Marilene Pereira, o caminho aberto pela escrita feminina na pós-independência estava sintonizado com as políticas daquele momento, que

tinham a saúde, a educação e a aposta nas crianças, consideradas por Amílcar Cabral, o herói nacional, como as flores da revolução, como eixos principais. Entretanto, a urgência de dar respostas às necessidades básicas do país nos primeiros anos de independência não permitiram, a meu ver, investimentos, por exemplo, na literatura infantil. Isto numa realidade em que as publicações de um livro infantil, ainda hoje, são um problema porque são caras para a realidade nacional.

[...]

Entretanto, considero que, num país que tem uma literatura para adultos reconhecida internacionalmente, a literatura para crianças é vista ainda como um produto menor. Sinal disso é que das editoras privadas existentes, nenhuma tem apostado também no público infantil. Aqui há que registrar algumas experiências do passado que surgiram com este fim, mas cuja aposta não passou da primeira edição. Assim, a literatura infantil tem sobrevivido na dependência de apoios oficiais, mais particularmente do Instituto do Livro e da Biblioteca Nacional e do Centro Cultural Português, Instituto Camões, que tem mesmo, como já foi referido, uma coleção infantil cabo-verdiana. (2015, p. 197-200)

Originária da população rural, como já observei, o seu surgimento ocorreu em espaços carentes, sem recursos

básicos como energia elétrica ou moradias com mínimas condições de salubridade, nos ambientes

em que o cair da noite traz consigo um manto de escuridão que a tudo esconde e cobre, com os receios, os medos e os temores que são próprios dessas situações, a criança que nós todos fomos um dia, e um dia teremos também que criar e transmitir os valores que recebemos, se reúne à volta de uma pessoa adulta que vai povoando a sua imaginação com estórias de encantar. Estórias que encontram suas raízes profundas no continente negro e europeu, donde todos somos originários, e onde a tradição oral, a arte de transmitir os conhecimentos de um povo se transmitem de geração em geração. (RODRIGUES, 2014, p. 32-33)

Arnaldo Rodrigues (2014) lembra o fato de que apesar de cada ilha cabo-verdiana se confinar dentro das suas fronteiras geográficas com características próprias, elas possuem elementos identitários comuns, como a grande capacidade da memória coletiva na qual foram conservados costumes, filosofias e tradições. A literatura é a guardiã e a transmissora atual dessa riqueza: “Conhecedores em profundidade de problemas e histórias locais que, segundo o costume, eram transmitidos oralmente, muitos dos anciãos são portadores de preciosas informações, cuja pesquisa e registros se impõe” (p. 58), apesar de ser “no crioulo que

todos nós nos sentimos mais à-vontade para expressar os nossos sentimentos e as nossas mais profundas emoções. Mesmo os nossos pensamentos são processados em crioulo que é a nossa língua materna” (p. 60). A propósito, Marilene Pereira, que também é escritora de livros infantis em Cabo Verde, afirma: “a minha opção num país que vive embalado pela música foi escrever histórias como se elas fossem letras de música, para ficarem mais fáceis de fixar e depois serem recontadas” (2015, p. 202).

Mário Lúcio Sousa observou ter sido na Ribeira Grande de Santiago, ilha na qual a autora Zaida Sanches nasceu, que surgiram as palavras “crioulo” e “griot”, “ambas da condição do escravo doméstico chamado ‘criado’ ou ‘criód’, como ainda se diz na Ilha da Madeira e nas Ilhas de Barlavento de Cabo Verde. O crioulo vira sinónimo do nascido aqui, metáfora do homem do mundo novo” (2016, p. 51). A sociedade cabo-verdiana de base crioula transforma o que lhe chega em algo novo, como ocorre com esses contos de “stera”.

Para o estudioso Arnaldo Rodrigues (2014), os contos tradicionais ou “histórias”, são narrativas de pequenas dimensões que remontam a uma civilização milenar cuja composição pode ser sintetizada como contendo

personagens cujas ações se desenvolvam tanto em contextos insólitos, quanto no dia-a-dia islenho que retrata a vivência e a experiência humana do cotidiano. No caso concreto de Cabo Verde

os contos tradicionais - contados, sobretudo, à boca da noite, serviam de recurso para entretenimento, passatempo e ocupação dos tempos livres dos nossos jovens, velhos e crianças que os apreciavam não só pela sua natureza lúdico-fantástica, mas também pelo seu pendor pedagógico e as lições de moral subjacentes a cada um deles - como aliás dilucidado nas obras Chiquinho, de Baltasar Lopes, e Ilha Fantástica, de Germano Almeida, dois exímios escritores cabo-verdianos, onde são mencionados Nha Rosa Calita e Nhô Quirino como grandes contadores de histórias, as quais, no dizer dos seus ouvintes, continham ensinamentos cheios de lições de moral e valores que abriam entendimento às coisas da vida. Deste modo, dentre as várias tradições orais cabo-verdianas, encontraremos nos contos tradicionais, um material importante na formação da identidade do homem cabo-verdiano, sem obliterar o preponderante papel dos contadores, recitadores ou “botadores” de histórias na descrição e dramatização de todos os elementos que as envolvem, enfatizando os exórdios, “feresimentus” e a bendita moral da história mui ansiosamente aguardada pelos ouvintes, como toque final que determina o triunfo do bem sobre o mal. (RODRIGUES, 2014, p. 61)

Em pesquisa realizada em escolas de Cabo Verde para verificar a circulação da Literatura infantil, Juliana Tavares (2010) observou a presença dos livros de autores e autoras do arquipélago, bem como das histórias tradicionais, entretanto as leituras não eram comuns nas casas das/dos estudantes, porque de acordo com aqueles responsáveis, “elas ficavam ‘presas’ à televisão e aos jogos e já não querem saber de ouvir ou ler histórias. A este respeito, será importante procurar alianças entre os novos meios e as velhas tradições” (TAVARES, 2010, p. 34). Zaida Sanches, em entrevista a essa pesquisadora, observou que “esta vertente da literatura em Cabo Verde, não representa muito em termos da produção geral de livros. Ainda são muito poucos os autores nacionais que se dedicam a escrever para crianças” (TAVARES, 2010, p. 37), mas como afirmou Dirce Côrtes Riedel: “A literatura mostra que a escola muitas vezes não é o templo do saber. Aprende-se mais na escola paralela, nas férias, no lazer” (2009, p. 246). Com efeito, se as histórias não entram nos livros e nas escolas das ilhas, elas estão presentes na memória de adultos, adultas, velhos e velhas os/as quais, acionados/acionadas, sempre poderão contá-las. Por isso a importância da literatura de Zaida, voltada exclusivamente a formar o gosto, nas crianças islenhas, pelas histórias escritas baseadas na cultura oral.

Realizando um rápido percurso (VARELA, 2016) pela Literatura infantil de autoria cabo-verdiana nas duas décadas imediatamente após a Independência do arquipélago (05/07/1975), teremos os seguintes lançamentos em ordem cronológica: *Cabo Verde visto pelas crianças* (1980), publicado em Lisboa, composto por textos, frases e poemas de crianças para álbum comemorativo do V Aniversário da Independência. O primeiro livro para crianças e jovens publicado em Mindelo (como já observei) foi *A História de Blimundo*, de Leão Lopes (1982). É interessante notar as inúmeras versões para esse conto, como verificou Norma Sueli Rosa Lima em “Estórias do Boi Blimundo, de Cabo Verde: Liberdade e Diversidade”:

A narrativa do boi Blimundo, uma das mais conhecidas de Cabo Verde, tanto foi publicada em livros com diferentes versões como está presente na música, nas artes cênicas e cinematográficas. Recolhida na Ilha de Santo Antão e editada pela primeira vez em 1982 por Leão Lopes, descrevia a personagem principal como um animal escravizado no trapiche a fazer grogue para o rei; Blimundo consegue fugir, mas é atraído de volta através de uma armadilha (a promessa de casar com uma vaquinha da praia embala o seu sonho ao som do cavaquinho, em evidência ao caráter musical do cabo-verdiano), sendo morto. (LIMA, 2021, p. 58)

Somente quase dez anos depois desse lançamento de Leão Lopes, haveria em Praia, *Canções Infantis*, de Margarida Brito, possivelmente em 1991. A seguir, outro título, editado em Portugal, é o de Luísa Queirós, *As Ilhas da Outra Face da Lua*. Em 1995, é a vez de *Aventuras de Chibim e Tilobo- 1- A família do CHIBIM*, de Jorge Octávio Soares Silva, publicado em Praia. No ano posterior, *Histórias que eu contei e Poemas*, de Mizé Costa, de 1996, pelo Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco. Fátima Bettencourt, em 1997, traz o seu *A Cruz de Rufino*, em parceria com o Centro Cultural Português. A partir do ano seguinte, os lançamentos passam a ter maior regularidade, embora ainda sejam poucas as obras desse gênero a circularem no arquipélago (e ainda mais raros sejam os livros de Literatura infantil cabo-verdiana no Brasil).

São de 1998: *A estrelinha Tlim Tlim*, de Dina Salústio (em coautoria com Marilene Pereira) pelo Instituto Camões, Centro Cultural Português, Praia-Mindelo; *Vamos Conhecer Cabo Verde*, de João Lopes Filho, pela Embaixada da República de Cabo Verde em Angola e *SAARACI o último gafanhoto do deserto*, de Luísa Queirós, pelo Instituto Camões/Centro Cultural Português Praia, Mindelo. Em 1999, houve duas publicações de Óscar Alves: *A Fuga - estória em banda*

desenha, Editora: Cáritas - S. Vicente e *O namoro - estória em banda desenhada*, Editora Geração Nova, São Vicente.

Segundo João Lopes Filho em *Contribuição para o estudo da cultura cabo-verdiana* (1983), não passa despercebido por ninguém que após a saída de um jugo colonizador, os povos necessitem reafirmar a sua identidade nacional, por isso a publicação de contos oriundos da tradição oral na tentativa de uma sistematização dos elementos definidores das bases da cultura cabo-verdiana, sendo relevantes na sua definição “a psicologia comportamentalista do povo e a fenomenologia do seu simbólico, aspectos que no caso cabo-verdiano são igualmente complexos” (p. 31).

A coleção *Stera*, como já afirmei, objetiva retratar aspectos da história de Cabo Verde e de seus costumes, entretanto redimensionando essas temáticas para construções estéticas que valorizem a imaginação da criança leitora através de ilustrações e de reconfigurações. *O Reino das Rochas*, ilustrado por Anderson Fernandes – há de se frisar a escassez de ilustradores de livros infantis no arquipélago, segundo Marilene Pereira (2015) –, constrói a maioria das personagens como crioulas ao narrar a descoberta de Cabo Verde, trazendo para a cena principal a composição da ilha nascida da irrupção de um vulcão. Com a chegada

do colonizador português Diogo Gomes há a ruptura da harmonia com a natureza, com a fragilização da antiga crença na força da pedra e de suas montanhas na presença da Rainha Pedrosa:

Pedrosa protegia os moradores e realizava seus desejos sempre que pediam. A Rainha Pedrosa estava sempre bem informada sobre o que se passava na cidade das Pedras. As pedras acompanhavam a vida de toda a gene e contavam tudo à rainha através de vibrações. Os habitantes ficavam curiosos porque não percebiam essa linguagem. Admiravam as rochas pela forma discreta como falavam. (SANCHES, 2009, p. 13)

É o mar que restituía o respeito à Rainha, depois de ela passar a ser desprezada pela população por não ter evitado um menino de se afogar. O enfraquecimento das crenças ancestrais, assim, é dissipado pelo elo harmonioso estabelecido entre os elementos da natureza e os homens, uma constante, aliás, nas quatro publicações de Zaida.

O conto *A sopa da beleza*, ilustrado por Dudu Rodrigues (artista plástico e ativista sociocultural), retoma o que Mário Lúcio Souza (2016) define como rico arcabouço da cultura oral preservada nas ilhas, quando o elogio à beleza dos recém-nascidos “daria azar” (SANCHES, 2009, p. 7). Após perceber o abatimento dos filhos, depois de receberem elogios de um viajante que não era da aldeia, a

mãe recorre à ajuda da fada madrinha: “- O que faço para que fiquem com a pele radiosa? - Tem que beber muita água e comer pelo menos duas frutas por dia, Banana, papaia, manga, laranja, abacate, maçã, uva, pinha, etc” (SANCHES, 2009, p.18). Como não gostaram desses alimentos, a fada sugeriu que ela os preparasse em uma sopa com feijão ou grão, cebola, batata, alho, folha de beterraba, espinafre ou couve, e que explicasse aos filhos o motivo de tomá-la. “Então, os meninos perceberam a importância dos alimentos nas nossas vidas” (SANCHES, 2009, p. 24) porque a varinha de condão crioula faz nascer nos pratos das crianças o alimento.

Figura 2 – A sopa da beleza



Há uma brincadeira irônica interessante com as poções mágicas clássicas dos livros de encantamento, quando na verdade o feitiço não estaria no mundo do maravilhoso ou do sobrenatural, mas na magia de uma alimentação saudável em Cabo Verde, no qual, em recente matéria publicada pelas Nações Unidas, 32% da sua população está privada: “O número de pessoas afetadas pelas crises de alimento e de nutrição em Cabo Verde atingiu uma alta recorde neste mês de junho, com 181 mil mulheres, homens e crianças” (2022). O direito à alimentação básica é o tema principal desse conto, considerando beleza um critério de saúde e não de estética guiada por conceito hegemônico do qual as populações negras, indígenas e mestiças foram afastadas.

A princesa do mês de agosto, também ilustrado por Dudu Rodrigues, inicia a narração com a festa do Dia do município de Praia, que passou a ser celebrada depois da Independência, quando “um grupo de jovens envolveu-se num confronto com tropas portuguesas, ao se manifestarem pela independência nacional” (2019). É uma estória baseada em crença da Ilha de São Tiago sobre o mau agouro do mês de agosto, porém a autora o desloca para um espaço de recepção positiva, no qual agosto representava a estação do ano do sol e das férias, para, desse modo, propor outra possibilidade de interpretação para conceitos antigos da

metrópole, que teriam sido absorvidos pela cultura cabo-verdiana. Além disso, as imagens do rei, da rainha e do príncipe não seguem estereótipos de personagens brancos e apesar de o contexto ser o de um reino, ele se insere mais na esfera da realeza moura, quebrando a hegemonia:

A clássica rima “agosto é o mês do desgosto” surgiu em Portugal, durante a época dos descobrimentos. Originalmente, a expressão era “casar em agosto traz desgosto”, pois as caravelas costumavam partir para o Novo Mundo nessa época. Aí, quem se casava em agosto acabava nem fazendo lua-de-mel e as noivas corriam o risco de tornarem-se viúvas antes mesmo de aproveitar a fase inicial do casamento. (WARKEN, 2020)

Figura 3 - A princesa do mês de agosto



Zaida Sanches traz o tema do conto de fadas totalmente adaptado para a atmosfera cabo-verdiana, inclusive ao desfazer a ideia portuguesa de agosto como mês de desgosto para o casamento, pois transpostos para a terra das “Quatro Estações”, os noivos passam a adorá-lo e nele se casam.

A greve dos animais é uma paródia de *A revolução dos bichos*, de George Orwell, mas é, sobretudo, um diálogo com a primeira obra de literatura infanto juvenil publicada em Cabo Verde, em 1982 (já mencionado anteriormente). Esse, como todos os outros contos da autora aqui analisados, objetivam um encontro com a identidade cabo-verdiana, na desconstrução de temáticas europeias ou na releitura de antigos temas identitários. Por isso, há a transposição da estória de Blimundo para o espaço da “Ilha Colorida”, na qual o boi, o cavalo e o burro eram explorados, sendo privados de seus direitos animais. A imagem do boi no trapiche também esteve presente na revista *Claridade*, e nem poderia ser diferente, pois aquela publicação é a que inaugura o olhar para a riqueza cultural de Cabo Verde:

[...] na *Claridade* número 1 há o poema “Almanjarra”, de Osvaldo Alcântara (pseudônimo poético de Baltasar Lopes), no qual a personagem Nhô Joca, a fim de seduzir “as crioulinhas cor de tâmara”, lhes conta “causos”. Para Maninha, “que roda a pá do mel/ na chieira dos tachos pontando”, ele

afirma que irá contar uma “história divertida” do boi-douro, enquanto no mesmo cenário outros bois estão escravizados, obrigados a produzir melaço. (LIMA, 2021, p. 60)

Ao se tornar o líder da greve, o boi assume um protagonismo que o faz ir ao encontro do próprio lugar inaugural, tanto da primeira estória oral publicada em livro, tanto quanto a que recebeu maior número de interpretações. É o boi que convence os outros animais a diminuir suas produções, o que trará como consequência serem punidos com a falta de alimentação.

Os animais ficaram descontentes com mais essa violação de seus Direitos, reuniram todos os animais da floresta para organizarem uma greve. A eles se juntaram a galinha, a vaca e a cabra. A galinha passou a pôr os ovos no meio do mato para que o homem não visse. A vaca e a cabra deixaram de dar leite.

[...]

Revoltado com o comportamento desses animais, o homem passou a atirar-lhes pedra e a tratá-los muito mal a ver se suspenderiam a greve.

Desesperados, esses animais pediram ajuda á natureza, que é a mãe da justiça, do equilíbrio e da harmonia.

- Mãe natureza faz qualquer coisa para nos livrar do trabalho duro! (SANCHES, 2009, p. 13-16)

Figura 4 - A greve dos animais

A fim de auxiliá-los, a Natureza fez a chuva cessar para que os homens compreendessem que deveriam respeitar os outros seres vivos, pois a desunião com ela (alertada constantemente nessa série de livros) trouxe como consequência para a humanidade o desemprego e a miséria. Com tais consequências, os homens gananciosos voltaram atrás e deixaram de explorar os animais, os quais a partir desse dia passaram a viver livres.

Os quatro livros de Zaida Sanches analisados mais do que se configurarem como leitura indispensável para as crianças

de Cabo Verde, representam riqueza cultural para toda a humanidade, na medida em que, na qualidade simbólica de fiandeira, tem-se na autora a representação do feminino em seu cotidiano, verdadeira guardiã do baú de memórias tecidas na esteira encantada.

Referências

- BRICOUT, Bernadette. Conto e mito. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Sussekind. 3 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, p. 191-199, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- LIMA, Norma Sueli Rosa. Estórias do Boi Blimundo, de Cabo Verde: Liberdade e Diversidade. *Mulemba*. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 13, n. 24, p.57-72, jan./jun. 2021.
- LOPES FILHO, João. *Contribuição para o estudo da cultura cabo-verdiana*. Lisboa: Ulmeiro, 1983.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. *Filosofias africanas: uma introdução*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 14. ed., São Paulo: Cultrix, 1999.
- PEREIRA, Marilene. Literatura infanto-juvenil no Pós-independência. In: GOMES, Simone Caputo (Org.) *Contravento, pedra-a-pedra: conferências do I Seminário Internacional de Estudos Cabo-verdianos* (2008). Praia: Biblioteca Nacional, p. 193-203, 2015.
- RTC. *Colecção Direitos Humanos, Ambiente e Diversidade de Zaida Sanches reconhecida pela CIDH em Cabo Verde*. Sapo, 16 nov., 2020. Disponível em: <https://www.sapo.pt/video/zVbgZp5g0KSdlnb74rF5>. Acesso em: 2. Jul. 2022.

RODRIGUES, Gabriel Moacy. Cavalim de perna quebród ou o mito da Terra-Longe: da oralidade à literatura. In: GOMES, Simone Caputo (Org.). *Contravento, pedra-a-pedra*: conferências do I Seminário Internacional de Estudos Cabo-verdianos (2008). Praia: Biblioteca Nacional, p. 119-132, 2015.

TAVARES, Juliana de Carvalho Frederico. *A importância da literatura infantil na educação de infância*. 2010. (Monografia) - Universidade de Cabo Verde, 2010. Disponível em: <http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/2131/1/monografia.pdf>. Acesso: 5 jul. 2022.

VARELA, Dai. *Lista completa dos livros para infância de Cabo Verde*. 31 jul., 2016. Disponível em: <http://daivarela.blogspot.com/2016/07/lista-completa-dos-livros-para-infancia.html>. Acesso em: 20 jun. 2022.

WARKEN, Júlia. Por que agosto é considerado o mês do desgosto?. *Revista Claudia*. 15 jan., 2020. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/cultura/por-que-agosto-e-considerado-o-mes-do-desgosto/>. Acesso em: 26 jul. 2022.

Norma Sueli Rosa Lima

Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense – UFF, 2000.

Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Líder do Grupo de Pesquisa UERJ CNPq Brasil Cabo Verde: Literatura, Ensino e História.

E-mail: norma.lima@uerj.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9454267569832156>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6140-2597>.